

ANTÔNIO TEODORO DOS SANTOS

O JOGADOR NA IGREJA



ANTONIO TEODORO DOS SANTOS

(O Poeta Garimpeiro)



O JOGADOR NA IGREJA

© Copyright 1959 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 12.162



LUZEIRO EDITORA LIMITADA

03025 - RUA ALMIRANTE BARROSO N 730
TELEFONE 93-8559 - CGC 43.826.643/0001-00
INSCR. ESTADUAL 109.085.107 - SÃO PAULO

O JOGADOR NA IGREJA

★

Meu amigo, eu vou contar
Uma história interessante
De um soldado jogador
Que venceu o comandante
Por causa desse ideal
Foi um grande oficial
Na vida foi triunfante

Cada individuo normal
Ao nascer traz o seu dom,
Um dá prá tocar viola
Já outro distingue o som;
A razão nos dá direito
Tudo tem o seu conceito
Tudo é mau ou tudo é bom!

A pior arte do mundo
E' melhor do que não tê-la
Certo é que dá trabalho
Afim de desenvolvê-la
Na hora mais apertada
A arte serve de escada
Devemos agradecê-la.

O soldado era francês
Mas servia na Suissa
No tempo que se amarrava
O cachorro com linguiça
Ele a corda não cortava
Ali mesmo se deitava
Como quem está com preguiça

Mas soldado nesse tempo
Era mais do que cativo
Ganhava um soldo mesquinho
Devendo ser muito ativo
Tinha de andar engomado
Sapato bem engraxado
Barba feita e olho vivo

O pagamento atrasava
Cooperativa não tinha
Sem dinheiro e sem comida
Ninguém pôde andar na linha
Ou tem que bancar otário
Usar conto de vigário
Ou dar prá roubar galinha

O honrado policial
Presta serviço ao Estado
Mas muitas e muitas vezes
Não é bem recompensado
Nunca pôde ser feliz
Porque todo mundo diz
Que não confia em soldado

Então, por essa razão
Esse soldado francês
Sofria grande opressão
E a falta no fim do mês;
Quando pedia fiado
Ouvia o palavreado:
Não queremos mais freguez!

Esse soldado francês
Tinha o nome de Ricarte
Raro prendia um suspeito
Quando alguém lhe dava parte;
Não gostava de arruaça
Depois do cargo de praça
O jôgo era a sua arte.

Mas não podia jogar
O jôgo era proibido
Se o comandante sobresse
De qualquer jôgo escondido
Ia negro prá cadeia
Outros caíam na peia
Ficava o lombo curtido

Tinha ele que dar guarda
Fosse de noite ou de dia;
Os olhos viviam sêcos
Pois Ricarte não dormia
E ainda os comandantes
Perguntavam aos semelhantes
Se esse soldado servia

Tinha ainda outro "chapeu"
Decreto do regimento
Alem de todo soldado
Ter ótimo comportamento
Obrigado da justiça
Tinha de assistir à missa
Lendo o novo testamento

Portanto o pobre soldado
Tinha vida de amargar
Com micha alimentação
E nem casa prá morar;
Residia no quartel
Dormitório bem cruel
Mas não era prá abusar.

Esse soldado servia
Mas quasi sem esperança;
Os suíços padeciam
Quanto mais filho de França
E por causa dêsse atrazo
Morria soldado razo,
Que divisa nunca alcança.

Era um dia de domingo
De grande solenidade;
A igreja era um brilhante
Pela sua claridade
Nisto veio o comandante
Disse: Vamos neste instante
Assistir a Crístandade!

Ele estava sem dinheiro
 Já tinha seu plano certo
 De sair com seu baralho
 Pegar um de corpo aberto
 Porque na sua patota
 O "cara" soltava a nota
 Por muito que fosse esperto

Inda disse ao comandante:
 O senhor hoje dispensa,
 Eu sinto um pouco de febre
 E uma fraqueza imensa;
 Então disse o comandante:
 Você vai é neste instante,
 Fraqueza não é doença!

Ricarte seguiu prá missa
 Mas muito contrariado
 Com fome, sono e cansaço
 Três horas ajoelhado!
 E as vezes nessa hora
 Recebia precatória
 Prá pegar um condenado...

Ricarte no seu baralho
 Era fino cartomante:
 Fazia truques e mágicas
 E vencia n'um instante;
 Quem fosse jogar com ele
 Não tendo cuidado nele
 Voltava bamboleante

De um az ele fazia
 N'um instante um rei de ouro;
 Transformava páus em cópas
 Com ele não tinha chôro;
 Não era muito usurário
 Mas se pegasse um otário
 Arrancava até o couro...

Não melhorava de sorte
 Porque dinheiro de jôgo
 E' igual poeira no vento
 Ou como pólvora no fogo
 E dinheiro de soldado
 Só parece excomungado
 Porque não atende rôgo.

Ricarte tinha levado
 Seu baralho na algibeira
 E estava ajoelhado
 Mas sentia uma canseira
 Até desorientou
 Quando o vigário falou
 Que jôgo era bandalheira...

Ele estava ajoelhado
 Perto de São Benedito;
 Ouvindo as frases do padre
 Resmungou: Não admito,
 O padre tem sua arte
 Vem gaita de toda parte;
 Jôgo porque necessito!

E pegando o seu baralho
 Trançou, mexeu e cortou
 Um sargento perto dele
 Tudo ali observou
 E disse: cabra da peste,
 Escândalo terrível deste!
 E logo preso o levou

Foi com ele aos empurrões
 Até chegar no xadrez;
 Ricarte ainda lhe disse:
 Perdôe-me por esta vez!
 Porém ali a justiça
 Perdoava da Suíça
 Mas Ricarte era francês...

O sargento disse a ele:
 Vai ser dura a tua "cana"
 Para você respeitar
 A santa igreja romana
 São dez anos de cadeia
 Cada dia é uma peia
 Palmatória uma semana!

Porem nosso comandante
 E' quem dará a sentença,
 Porque quem faz uma dessas
 Há de ter qualquer doença;
 Não tem o juizo certo
 Só anda de corpo aberto
 Ou é um tipo sem crença.

Ricarte no gabinete
 Que exercia o comandante
 Afim de lhe dar a pena
 Tinha muitos circunstantes
 Cardeal, bispo e doutor
 Juizes e promotor
 Chamando-o de ignorante

Então veio o comandante
 Fazendo interrogação
 Com a cara inferruscada
 Que parecia um leão
 Disse: Você não gagueja
 Então, por que na igreja
 Tinha um baralho na mão?

Disse Ricarte: Senhor
 Tudo enfim tem seu motivo
 Só mesmo Deus é quem sabe
 De qual maneira é que eu vivo
 Mas óro, não atrapalho
 Eu rezo no meu baralho
 Porque não possuo um livro.



Perguntou-lhe o comandante:
 Mas, que reza há em baralho?
 Te arranco a sóla dos pés
 Prá correres no cascalho;
 Depois de dar-te um açoite
 Dou-te o "Chá da meia noite"
 Prá não me dares trabalho!

Ricarte disse: Senhor,
 Sou inocente criatura;
 No baralho eu leio tudo
 Que se lê na Escritura
 Tem o tratado profundo
 Desde a fundação do mundo
 Ao filho da Virgem pura

O comandante lhe disse:
 Você é doido maluco;
 Vou te botar no hospício
 Ou então cái no trabuco;
 Não quero no regimento
 Tipo ordinário nojento
 Do miôlo de capuco.

Disse Ricarte: o senhor
 Escute o meu predicado,
 Vou dizer como o baralho
 Tem original sagrado;
 Se eu errar qualquer ponto
 Pode matar-me, estou pronto
 Para ser martirizado...

Respondeu-lhe o comandante
 Você vem errado a mim
 Disse o soldado eu explico
 Do principio até o fim
 Interrogou-lhe o chefão:
 Como é esta oração
 Disse o soldado: E' assim:

O baralho é um bom livro
 Que ensina a muita gente
 Tem 52 páginas
 Com ilustração decente
 E' a sagrada doutrina
 A todo mundo ele ensina
 D'um modo católicamente

Quando eu pego no baralho
 Estou com o mundo na mão:
 Vêjo o pai da natureza
 Dando toda direção.
 O cão fumando um cigarro
 Jeová amassando o barro
 No dia que fez Adão...

Quando eu pego a carta Az
 Que tem um ponto sómente
 Me recorde que existe
 Um só Deus onipotente;
 Ele estando em toda parte
 Deve estar na minha arte,
 Pois me fez inteligente.

Quando eu pego a carta 2
 Ali premedito eu:
 Que em duas táboas de pedra
 O Pai eterno escreveu
 Educando a sua gente
 Quando n'uma sarça ardente
 A Moisés apareceu.

Quando pego a carta 3
 Vejo toda divindade
 Por exemplo as três pessoas
 Da Santissima Trindade
 E disto não duvidemos
 Que todos nós conhecemos
 O Espírito o Filho e o Padre

Nos 4 lembro-me as quatro
 Marias de Nazaré
 Que foram: Maria Alvara
 E Maria Salomé,
 E segundo a Escritura
 Madalena e a Virgem pura,
 Esposa de São José.

Nos 5 faz me lembrar
 Aquele dia de fel
 As cinco chagas de Cristo
 Feitas por mão tão cruel
 Que os judeus condenados
 Mataram crucificado
 Jesus — O Deus de Israel.

Quando eu peço em 6 de ouro
 Faço premeditação:
 Seis dias que Deus gastou
 Na obra da criação;
 Com Ele ninguém resiste,
 Ele fez tudo que existe
 Sem em nada pôr a mão!

Nos 7 lembra-me a hora
 Negra, triste; amargurada
 Os sete passos de Cristo
 Em sua paixão sagrada;
 Entre fortes dissabores
 Com sete espadas de dôres
 A mãe de Deus foi cravada.

Nos 8 vejo as pessoas
 Que do dilúvio escaparam:
 Noé, a mulher e três filhos
 E três noras se salvaram;
 E do povo que existiu
 O resto a água cobriu
 Onde todos se afogaram.

Quando eu peço nos 9
 Vem-me na imaginação:
 Os nove mezes ditosos
 Da divina encarnação
 Que n'um estado latente
 O Senhor passou no ventre
 Da Virgem da Conceição.

E quando eu peço nos 10
 Não posso ali me esquecer:
 Dez mandamentos ficaram
 Para o mundo se reger;
 Segundo Jesus expoz
 Os dez se encerram em dois
 E não deixamos de crer.

Eu quando peço na DAMA
 Só penso na Virgem bela
 Que toda Jerusalem
 Ganhou luz por causa dela;
 Essa é a mãe de Jesus
 Que depois de dar-lhe à luz
 Ficou puríssima donzela

Quando eu peço no REI
 Só penso no Rei da glória;
 O ente mais poderoso
 Que já vimos na história,
 Porque o verbo encarnado
 Não precisa de soldado
 Para alcançar a vitória.

Eis aí, meu comandante,
 As razões de seu soldado,
 Não posso comprar um livro
 Porque meu sôlido é mirrado,
 Mesmo assim não me desprezo:
 Tenho um baralho onde rezo
 Porque tomei emprestado.

Então, disse o comandante,
Em todas cartas falaste
Mas não falou no valéte
Foi porque não te lembraste;
Como você se descarta?
Não é também uma carta
Por que não representaste?

Disse o soldado: esta carta
Tem retrato de Caím;
Eu quando compro baralho
Tiro ela e dou-lhe fim
Prá não ficar azarento;
Valéte imita o sargento
Que denunciou de mim!

Todo povo bateu palma
Elogiando o soldado;
O comandante na hora
Ficou até abismado,
O juiz e o Cardeal
Disseram: O policial
Não pôde ser castigado.

Respondeu-lhe o comandante:
Ricarte, tú é danado,
Teu estudo no baralho
Foi tempo bem empregado;
És um homem inteligente
Vou promover-te a tenente
Ganhando soldo dobrado!

E logo no outro dia
O jornal anunciou
Que Ricarte era tenente
A promoção triunfou
E o grande acontecido
Tambem chegou aos ouvido
Do sultão governador.



O sultão falou, assim:
 Eu quero ver este homem,
 Passar depressa a tenente
 E' preciso cara e nome;
 Não é qualquer um sujeito
 Cheio de trama e defeito
 Acostumado a passar fome!

Houve o chamado instantaneo
 Ricarte se apresentou
 Aos guardas da presidencia
 Pediu licença e entrou,
 Fez decente continencia
 E disse: Sua excelencia,
 As vossas ordens estou!

Pergunta o governador:
 Quem é lá, quem é você?
 Ricarte disse: Um soldado
 Fala com vossa mercê;
 Recebi vosso chamado
 Venho correndo vexado
 Para cumprir meu dever.

O sultão ali na côrte
 Com todo seu ministério
 Duque, marquez e barão
 E frades com beaterio;
 Prá ver se Ricarte tinha
 Competencia que convinha
 Categoria e critério;

Disse o sultão, carrancudo:
 Você é bom no baralho...
 Nós aqui queremos gente
 Que desempenhe é trabalho
 Mas burro vai prá espora
 E nosso decreto agora
 Já tem cabresto e chocalho:

Ricarte disse: Senhor,
 Trabalhar mais do que eu
 Só Cristo levando a cruz
 Junto a Simão Cirineu;
 Ou o povo d'Israel
 Que no Egito cruel
 Grande amargura sofreu!

O sultão disse: Você
 Conhece bem a Escritura?
 Disse Ricarte: E' dever
 Da humana criatura;
 No meu baralho eu dou fé
 Desde a arca de Noé
 Ao filho da Virgem pura

Todos ali gargalharam
 Julgando ser heresia;
 Pensavam que ele era louco
 Sem saber o que dizia;
 Porem lhe disse o sultão:
 Dê alguma explicação
 Desta sua idolatria

Ricarte disse: O baralho
 Na luz da sorte clareia
 Na hora que eu estou jogando
 Fico até com a alma cheia
 Parceiros de todo lado
 Só parece o apostolado
 Servindo a sagrada ceia...

Primeiro pego os três reis
 De copas, páus e espada:
 São os reis do Oriente
 Na sua grande jornada
 Vendo a estrela da sorte
 Navegando para o norte
 Em Belem ficou parada.

O rei de ouro é o Rei
 Descrito nas profecias
 Que se chama Emanuel,
 Cristo, Jesus e Messias;
 Pois os reis do Oriente
 Lhe ofereceram o presente
 De ouro em muitas bacias

Si pego os 4 valétes
 Um pouco medito mais:
 O d'ouro é Pôncio Pilatos,
 E o de espada é Anaz;
 O de copa e de bigode
 E' o danado do Heródos
 O de páus é Caifaz.

Primeiro pego três damas
 Sinto até gosto de mel:
 A de espada é Santa Bárbara
 De copas Santa Isabel;
 A de páus me vem á mente
 De quem Jacó foi servente
 A doce e bela Raquel.

Mas pegando a dama d'ouro
 Vejo uma luz que fulgura:
 E' o modelo das mães
 Que se chama Virgem pura;
 Seguiu o divino trilho
 Sofrendo junto a seu filho,
 Mas prá ela era doçura.

Pegando o coringa eu deixo
 Debaixo do pé canhôto;
 Pois ele é o Satanaz
 Que parece um gafanhoto
 Depois que o jogo termina
 Tiro o "cabra" da botina
 Que de raiva fica rôto.

Como se sabe o baralho
 Compõe-se de paus e ouro:
 Na copa está a comida,
 Na espada está o chôro;
 Mas eu penso diferente
 Não no dinheiro presente
 Mas no sagrado tesouro.

Pegando a carta de paus
 Só me lembro as oliveiras
 Onde Jesus descansava
 Depois chorou de canseira
 Vertendo sangue e suor
 Sentindo angustia maior
 Por uma mão traiçoeira.

Lembra-me, perfeitamente,
 Da haste da santa cruz;
 No monte de braço aberto
 Morreu nela o bom Jesus;
 E nessa hora de dores
 Na terra houve tremores
 E o sól apagou a luz.

Pegando espada eu me lembro
 Que é arma respeitada
 E' o simbolo da justiça
 Fina, reta e iluminada;
 Jesus, antes da prisão,
 Disse a Pedro e a São João:
 Vendam bens e comprem espada.

Nela também eu me lembro
 Do grande milagre obrado:
 Pedro cortou a orelha
 Do malfazejo soldado
 Mas Jesus logo emendou
 Dizendo: A' ferro matou
 A' ferro será matado!

Eu quando pego na copa
 Me lembro a árvore da vida
 Que tem folhas milagrosas
 As nações distribuídas;
 Sua sombra é um mistério
 Tem na mesma o ministério
 E fôrça desconhecida.

E no sentido de mesa
 Me lembro o pão do deserto
 Que Jesus multiplicou
 Fartando a todos, de certo...
 Ouvindo esta narração
 Aquele velho sultão
 Já estava de queixo aberto.

Pegando em carta de ouro
 Eu me lembro muito bem
 Quando São João contemplou
 A nova Jerusalem:
 — Era uma pérola quadrada
 Descendo, toda dourada
 E os anjos cantando: amém!

O baralho estando junto
 Só parece o livro santo:
 A dama é Nossa Senhora
 Embrulhada com seu manto;
 Riscos vermelhos e azues
 E' o sangue de Jesus
 No calvário cheio de pranto...

Doze cartas ilustradas:
 São os servos de Jesus
 E as quarenta de pontos
 A minha ideia traduz;
 Foram os dias jejuando,
 Que Jesus, na gruta orando
 Ganhou a divina luz...

Duzentos e vinte pontos
 Contém; e, se não me engano,
 E' quasi o número dos ossos
 De todo esqueleto humano;
 Cinco parece o cruzeiro
 O az de ouro é janeiro,
 O primeiro mês do ano

Quando corto meu baralho
 Que na boca fica o terno;
 Os três pontos, eu já sei,
 E' céu, é terra e inferno;
 O 2 é o bem e o mal
 Como a balança legal
 Não põe "fiel" no caderno.

Na quadra é o número 4
 São os pontos cardeais,
 Os quatro ventos da terra,
 Ou pontos horizontais;
 E os quatro evangelistas
 Que se tornaram contistas
 Das coisas celestiais.

Porém, na carta do 6,
 Tenho forte inspiração:
 E' o numero dos planetas
 Da infinita imensidão:
 — Urano, Marte, Saturno;
 Estrela Jupiter, Netuno
 E o mais longínquo Plutão.

Eu quando pego no 7
 Tenho um prazer mais profundo:
 São as sete maravilhas
 Que existem no velho mundo
 As pirâmides do Egito...
 Que vão perto do infinito
 Mas ninguém conhece a fundo

Na carta 8 eu me lembro
 Dos oito dias de pranto
 Os Apóstolos congregados
 Com grande medo e espanto
 Mas Jesus apareceu
 No seu divino apogeu
 Lhes dando o Espirito Santo.

Nos 9 estou com as deusas,
 As musas da inspiração,
 Protetoras dos poetas
 E dos bambas no violão;
 Segundo a mitologia
 São gênios da poesia
 E do verso a silabação.

Quando pego a carta 10
 Sempre tenho a impressão
 Que são dez dedos ligeiros
 Que o homem possui nas mão
 Em toda arte trabalha
 Maneja até na batalha
 Prá defender a nação.

Não gosto de jogar "burro"
 E vou falar a verdade
 O burro tem cruz no lombo
 Tem um quê na divindade;
 Foi o burro o condutor
 De Jesus, o redentor
 Livrando-o da mortandade

Diz o velho testamento
 Que um burro já falou
 Calou a boca porque
 O homem não acreditou
 Mas mostrando seu exemplo
 Levou mansamente ao templo
 O rei que o mundo aprovou

Ricarte, disse o sultão,
 Você merece diploma
 Mas eu não posso julgá-lo
 Você tem que ir a Roma;
 O papa te dá razão
 Ou te lança excomunhão
 Como ele fez com Mafoma.

Disse Ricarte: Estou pronto
 Falarei com qualquer um;
 Eu quero pegar o papa
 De manhã cedo em jejum;
 Ou ele aprende ou me ensina
 Pois assim manda a doutrina,
 Prá mim é coisa comum.

Esse sultão reuniu
 Um terrível batalhão:
 Soldado cavalaria
 Já tinha mais de um milhão;
 Seguiram prá o Vaticano
 Perante o papa romano
 Seria a interrogação.

Ricarte então foi chegando
 No meio da soldadesca
 Porém ele não soltou
 Frase que fosse grotêsca;
 Veio Sua Santidade
 Acompanhado de frade
 Pisando na relva fresca

Já que tivera o anuncio
 Soube quem era Ricarte
 Que no jogo descrevia
 Até o planeta Marte;
 O papa pensou consigo:
 Esse é bem o inimigo
 Que usa de toda arte.

Pôs o manto e a corôa
 Que o brilhante reluzia
 Com o livro santo dourado
 Entre luz resplandecia;
 Fazendo o sinal da cruz
 Disse: Em nome de Jesus
 Deus que nos dê um bom dia!

Deus vos dê, disse Ricarte,
 Tudo que a mim deseja;
 Sinto-me hoje feliz
 Por estar dentro da igreja;
 Peço a Sua Santidade
 Como suma autoridade
 Me acuse ou me proteja.

Disse o papa: Quem te acusa
 E' o teu pecado mortal;
 Não há perdão prá quem joga,
 Do jogo vem todo mal;
 Na lei de Nosso Senhor
 Beberrão e jogador
 E' pior do que animal.

Ricarte disse: Meu jogo
 E' devido a precisão;
 Sou soldado, ganho pouco,
 Não dá nem para o pirão;
 E saiba sua eminência
 Que em qualquer audiência
 Se joga em quem tem razão.

O papa disse: Não venha
 Com defeza diabólica
 Porque aqui nós estamos
 Com a justiça apostólica;
 Quem peca e peca sabendo,
 E' um demônio estupendo,
 Não entra na ação católica



Ricarte disse: Seu papa,
Só Deus fará julgamento
Porque se peca por obras,
Palavras e pensamento;
Quem não quer ser pecador
Desmente Nosso Senhor
Diz o novo testamento.

Papa — Já que conheces a Bíblia
Me dê esta explicação:
Achaste teu nome nela
E alguma autorização?
Por que ainda vacila
Como o pássaro quando trila
E não segue á lei da razão?

Soldado — Sei bem aquela passagem
Que o profeta João Batista
Autorizou aos soldados
Que tiveram uma entrevista:
— Falsa nota não darás
E a ninguém roubarás
Receberás soldo à vista.

Mas é que as consciências
Não combinam com a minha;
Cada qual só puxa a brasa
Para assar sua sardinha
Eu ganho micho ordenado
Quem vive no bom estado
Só do meu êrro advinha.

P. — Da Santa Igreja Católica
Você conhece o ensino
Por que não segue direito
Que tem aspecto asinino?
Ela dá bôa instrução
Com toda declaração
Do mandamento divino!

S. — Conheço toda doutrina
Mas existe confusão:
Freira e padre viram santos
Outra gente vira cão!
Sendo a igreja edificada
Frequentada e sustentada
Por toda população?!...

Então diz o catecismo
Que corpo Deus não possui,
Depois já nos "dias santos"
O "corpo de Deus" inclui;
A Bíblia excomunga imagens.
O padre rende homenagens
Abençôa e distribui.

P. — Sim, mas devemos crer
Na santíssima mãe de Deus;
Quem não crê é condenado
Entra no ról dos ateus;
A igreja tem ciencia
Dada pela providencia,
Ouça os mandamentos seus.

S. — Sua alteza, me desculpe,
Pelos meus rudes dizeres;
Mas Deus sendo o criador
Senhor de todos os sêres
Se tem mãe basta só ela;
Prá quê tanta parentela
Onde tem poucos havêres?

P. — Onde tem poucos haveres?
Por que você diz assim;
Deus tem os ceus e a terra
E o oceano sem fim;
Tudo Ele fez, tudo é Dele
E ninguém ensina a Ele
Que pôs a mão sobre mim!

S. — Eu digo poucos havêres
 Pára grande parentela;
 Lembrando da “porta estreita”
 Que “poucos entram por ela”
 E o “pequeno rebanho”
 Aonde faz o seu amanhã
 Deseja grande parcela.

P. — Você discutir comigo
 E’ coisa sem fundamento;
 Sou o chefe da igreja
 Debaixo do firmamento;
 Na sagrada-eucaristia
 Está Jesus — nosso guia
 Neste Santo sacramento.

Sem confissão, sem a hóstia
 Não pôde haver salvação;
 Também sem ser batizado
 Deus não dará o perdão;
 Não me venha com rodeio
 A não ser por este raeio
 Quem busca a Deus é em vão.

S. — Mas, Santo Pio, eu pergunto
 Que sois grande cientista:
 Quem batizou os profetas,
 Antes de haver João Batista?
 Porem Deus lhes deu a graça
 Que foram santos da massa
 E a Santa Igreja os regista?

P. — Meu amigo, Deus querendo
 Faz tudo quanto entender
 E os segredos divinos
 Não pôde o homem saber;
 O que tentar é em vão
 E faz como fez Adão
 Que igual a ele quiz ser...



E outra que eu só converso
Com os eruditos de Roma,
Pessoas que compreendem
Prá mais de vinte idioma;
Não com gente do atrazo
Um simples soldado razo
Que não possui nem diploma.

S. — Santo papa, me esclareça
Por vosso saber profundo:
Quem forneceu o diploma
Ao primeiro mestre do mundo?
E também prá ser ministro
Convem ter todo registro
E conhecer tudo a fundo?

P. — Quando a pessoa já é
Possessa de satanaz
E' que procura encobrir
As coisas celestiais;
Quando o diabo não vem
Só prá não ver-nos no bem
Envia o seu capataz.

S. — Seu papa, o senhor conhece,
Sabe quem é o diabo
Ele é bonito ou é feio
Que pinta ele com rabo
Como foi sua criação
Qual é a sua missão
Que dizem que êle é tão brabo?

P. — O Satanaz é um anjo
De muito máu coração;
Só quer ser mais do que Deus
Com grande rebelião;
Ele trata de tentar
Qualquer que se sujeitar
Despenha na perdição.

Quem tira a vida de outrem
E' tentado pelo cão,
Não vê a face de Deus
Sobre si há maldição;
Morrendo vai prá o inferno
Tambem no juizo eterno
Não terá a salvação

S. — Segundo o livro de J6,
Satanaz é um vigia,
Corrige a vida do homem
Sem descanzo noite e dia
Porem se tenta é mandado
Deus quer ver o resultado
De fraqueza ou de energia.

Matar, porem, é pecado
Mas a vida é ilusão;
Moisés, Davi e São Paulo
Mataram egípcio e cristão
E depois desta peleja
Têm eles da Santa Igreja
Sua canonisação!

O inferno é aqui mesmo,
Já é muito decidido;
Quem vive bem está no ceu
Quem está no mal é perdido;
A riqueza tudo encobre
O homem quanto mais pobre
Mais no mundo é perseguido.

O papa calou a bôca
Chamou ele fóra à parte
Dizendo: Como é seu nome?
Respondeu ele: Ricarte.
Disse o papa: Está legal,
Vou passar-te a oficial
Como o grande Bonaparte.

Escreveu para o sultão,
Lá no reino da Suíça,
Dizendo: Vai este homem
Garantido da justiça;
Ele tem capacidade
De ser grande autoridade
Não acho nele injustiça.

Ricarte voltou contente,
O papa recomendando;
Os soldados que o levaram
A Ricarte venerando;
Quando chegou na Suíça
Os graúdos da justiça
Já estavam o esperando...

Foi entregando a mensagem
Carimbada da igreja;
O sultão deu parabens
Dizendo: Bendito seja,
E prá todo conhecido
Ricarte bem acolhido
Pagou bastante cerveja!

O Sultão na mesma hora
Deu-lhe uma grande patente
Capitão com garantia
Em todo esse continente
Regeu o povo oriundo
E ganhou de todo mundo
O nome de inteligente.

Foi assim, caros amigos,
Este caso verdadeiro
Que tem muitos, muitos anos
Passou-se no estrangeiro.
Leia a dupla sertaneja
Que tem o nome "Peleja
Do Paulista com o Mineiro".

7161 coleção luzeiro

LITERATURA DE CORDEL

Princesa da Pedra Fina
Donzela Teodora
O Papagaio Misterioso
A Mulher que se Casou 18 Vezes
O Cangaceiro Isaías
Peleja Zé do Caixão c/ o Diabo
Vicente, o Rei dos Ladrões
Josafá e Marieta
A Chegada de Lampião no Céu
O Encontro de Canção de Fogo com José do Telhado
O Pavão Misterioso
Lampião, Rei do Cangaço
João Acaba Mundo
A Chegada de Lampião no Inferno
Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum
O Quengo de Pedro Malazarte no Fazendeiro
Encontro de Lampião com Dioguinho Juvenal e o Dragão
Piadas do Bocage
O Cachorro dos Mortos
Vida e Testamento de Canção de Fogo José de Souza Leão
Carta do Satanás a Roberto Carlos
A Princesa Rosinha na Cova dos Ladrões
Os Quatro Sábios do Reino
A Vitória de Floriano e a Negra Feiticeira
Os Três Conselhos da Sorte
João Soldado
A Triste Sorte de Jovelina
O Valente Zé Garcia
Zé Bico Doce
Antônio Silvino
Os Cabras de Lampião
O Negrão do Paraná
Encontro de Canção de Fogo com Pedro Malazarte
Zezinho e Mariquinha
História do Boi Leitão
Valdemar e Irene
A. B. C. dos Namorados
Os Sofrimentos de Alzira
Rufino, o Rei do Barulho
Peleja de Manoel Riachão com o Diabo

A Louca do Jardim
O Jogador na Igreja
João de Calais
O Amor Entre a Verdade e o Punhal
Rosinha e Sebastião
Peleja do Filho de Aderaldo com o Filho de Zé Pretinho
Antônio Cobra-Choca
O Boiadeiro Valente
Cidrão e Helena
Tubiba, o Desordeiro
Côco Verde e Melancia
Amor de Mãe
Dimas e Madalena
Os Olhos de Dois Amantes por Cima da Sepultura
Vicente e Josina
O Príncipe Formoso
O Nero do Amazonas
O Comprador de Barulho
Batalha de Oliveiros e Ferrabrás
Amor e Martírio de Uma Escrava
O Sacrifício do Amor ou o Noivo Ressuscitado
O Prêmio da Consciência
A Coragem de Juquinha Pelo Amor de Ivonete
João sem Direção
O Bom Pai e o Mau Filho
Jesus e o Mestre dos Mestres
A Princesa Rosamunda
Helena, a Virgem dos Sonhos
A Disputa do Bocage com um Padre
O Amor de Maristela e a Luta de um Boiadeiro
O Escravo Fiel
A Sorte do Amor
Manassés e Marili
Grinaura e Sebastião
Bicho de Sete Cabeças
A Recompensa do Diabo
O Contador de Mentiras
As Astúcias de Camões
O Príncipe João sem Medo
Padre Cícero, o Santo do Juazeiro
Proezas de João Grilo
Os Mistérios da Princesa dos Sete Palácios de Metais
Princesa do Reino do Mar-sem-Fim

VENDA
Estação D. Pedro II
Loja No 4-Rio de Janeiro

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
LUZEIRO EDITORA LIMITADA

03025 - Rua Almirante Barroso, 730 - São Paulo

SIV B